

Remix Ensemble

Casa da Música

Orquestra Jazz de Matosinhos

Olari Elts direcção musical

23 Out 2022 · 18:00 Sala Suggia

OUTONO EM JAZZ
ANO DO AMOR



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA





Leia o código QR e veja a entrevista com o maestro Olari Elts sobre o programa do concerto.

APOIO

M matosinhos

APOIO

MDS

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

reseo
RESETO
RESETO
RESETO

REMA
RESETO
RESETO

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

1ª PARTE

Magnus Lindberg

Coyote Blues (1993; c.11min)

Lotta Wennäkoski

Hele (2018; c.13min)

Anders Hillborg

Vaporised Tivoli (2010; c.10min)

2ª PARTE

Erkki-Sven Tüür

Mare Lacrimarum, para big band e ensemble (2020-22; c.30min)*

1. Clouds of Anger
2. Cities to be destroyed
3. Threnody I
4. Lethal Mechanics
5. Threnody II
6. The Evil's End

*Estreia mundial; encomenda Orquestra Jazz de Matosinhos, Casa da Música e Kölner Philharmonie em parceria com a Câmara Municipal de Matosinhos, com o apoio da MDS.

CICLO GRANDES CONCERTOS DUPLOS

Magnus Lindberg

HELSÍNQUIA, 27 DE JUNHO DE 1958

Depois de estudos em piano, Magnus Lindberg ingressou na Academia Sibelius onde foi aluno de composição de Einojuhani Rautavaara e Paavo Heininen. Inspirado por Heininen, fundou, por volta de 1980, o grupo informal “Ouidos Abertos” — com Hämeenieni, Kaipainen, Saariaho e Salonen —, que procurava estimular uma maior consciência das grandes correntes modernistas. Mudou-se para Paris em 1981, onde estudou com Globokar e Grisey, frequentando neste período também as aulas de Donatoni em Siena. Em 2003, foi galardoado com o prestigiante Prémio Wihuri Sibelius.

Afirmou-se como compositor com duas obras de grande escala — *Action-Situation-Signification* e *Kraft*, ligadas ao ensemble experimental Toimii, que fundou com Salonen, e onde combinava experimentalismo, complexidade e primitivismo. No final dos anos 1980, a sua música voltou-se para um novo classicismo modernista, com obras-chave como *Kinetics*, *Marea* e *Joy*, atingindo o auge com *Aura* (1994) e *Arena* (1995).

Magnus Lindberg foi nomeado Compositor em Residência da Filarmónica de Nova Iorque (2009-12) e da Filarmónica de Londres (durante três anos a partir de 2014/15), com várias encomendas. No últimos anos apresentou a nova obra orquestral *Tempus Fugit*, uma encomenda da Sinfónica da Rádio Finlandesa para celebrar o centenário da Independência da Finlândia, em 2017; *Triumph to exist...*, música para poesia de Edith Södergran, estreada pela Filarmónica e Coro de Londres sob a direcção de Vladimir Jurowski, em 2018; e *Shadow of the Future*, estreado pelo Ensemble intercontemporain, em 2019.

Coyote Blues

Coyote Blues foi uma encomenda da Svenska Rikskonsert, a agência nacional de concertos sueca, estreada em Estocolmo, em 1993, pelo KammarensembleN sob a direcção de Petter Sundkvist. A peça cresceu a partir de esboços abandonados de uma obra para voz solista e ensemble, razão pela qual Lindberg afirma existir uma qualidade vocal na sua escrita instrumental, com frases curtas e ornamentada ao estilo de folclore, bem como inúmeros glissandos ou deslizares (os quais podem ter influenciado a escolha do título). A par desta orientação melódica decorre uma invulgar textura de grande simplicidade, quer no ritmo quer na harmonia: o ensemble é frequentemente dividido em secções que se movem em uníssonos rítmicos; há muitas mudanças rápidas de compasso; e os acordes são menos densos do que na maior parte das obras de Lindberg, com frequentes intervalos de terceira e quinta em torno de um centro gravitacional na nota ré. Lindberg descreve *Coyote Blues* como cinco andamentos sem interrupção (“attacca”): mas estas divisões não são imediatamente reconhecíveis ao ouvido (nem tão pouco aos olhos de quem vê a partitura pela primeira vez) e a peça assume-se como uma típica construção de Lindberg num só andamento com várias mudanças de tempo e humor. As texturas em movimento lento do início reaparecem a meio da peça, conduzindo desta vez a um episódio com ritmos sincopados de dança. Aqui, a influência de Stravinski sobressai: enquanto esboçava a obra, Lindberg disse que estava a analisar simultaneamente as três versões do bailado *Les Noces*, de Stravinski: “evidentemente, deixei o extraordinário mundo desta peça influenciar a minha escrita”.

ANTHONY BURTON

Tradução: Rui Pereira

Lotta Wennäkoski

HELSÍNQUIA, 8 FEVEREIRO DE 1970

Lotta Wennäkoski começou por estudar violino, teoria musical e música tradicional húngara no Conservatório Béla Bartók de Budapeste. Formou-se depois em teoria musical e composição na Academia Sibelius de Helsínquia, em 2000, onde estudou com Eero Hämeenniemi, Kaija Saariaho e Paavo Heininen. No final dos anos 90, estudou também nos Países Baixos com Louis Andriessen. A sua estreia como compositora deu-se no festival Musica Nova de Helsínquia, em 1999. Pouco depois, a sua peça orquestral *Sakara* foi encomendada e dirigida por Esa-Pekka Salonen, à frente da Filarmónica de Helsínquia. Foi nomeada duas vezes para o Prémio de Música do Conselho Nórdico (2004 e 2014). Em 2012 foi uma das compositoras em cartaz no Other Minds Festival em São Francisco. Coordenou e programou festivais finlandeses, recebeu uma encomenda para a noite de encerramento dos BBC Proms e tem discos editados pela Alba Records (*Culla d'aria*, música de câmara, 2008) e Ondine (*Soie*, Orquestra da Rádio Finlandesa, 2015).

Nos últimos anos escreveu obras por encomenda da Filarmónica de Los Angeles (*Hele*), da Filarmónica de Helsínquia (*Om fotspår och ljus*) e do Quarteto de Cordas Dinamarquês (*Pige*). Foi compositora convidada do Festival de Korsholm 2019 e, já em 2022, escreveu o concerto para harpa *Sigla*, para Sivan Magen. Concluiu recentemente a sua primeira grande ópera, *Regine*, com libreto de Laura Voipio — encomenda do Festival de Ópera de Savonlinna.

Lotta Wennäkoski foi galardoada com o Prémio Estatal de Música da Finlândia em 2020. No período 2022-2026, ostenta o título honorário de Artista-Professora concedido pelo Centro Finlandês para a Promoção das Artes.

Hele

Um compositor trabalha com sons e tempo, mas também com emoções e imagens. Quando começo a escrever uma nova peça, tento, por norma, encontrar uma ‘ideia geral’, que pode ser um ambiente ou um fenómeno de qualquer género.

Em *Hele* foi o título que me sugeriu, mais ou menos, o ponto de partida e me guiou durante o processo de composição da peça. “Hele” é a palavra finlandesa para “ornamento musical” — é, portanto, uma expressão muito específica. De certa forma, é também muito parecida com uma palavra que representa “brilhante e leve”. O terceiro aspecto que o título emprestou à música é o motivo rítmico que contém — aquele com duas notas de curta duração.

Hele é escrita para 12 músicos com alguns instrumentos musicais pouco habituais — como brinquedos de assobios de pássaros.

LOTTA WENNÄKOSKI

Tradução: Isabel Correia de Castro

Anders Hillborg

SOLLENTUNA, 31 DE MAIO DE 1954

As primeiras experiências musicais de Anders Hillborg foram a cantar em coros, além do envolvimento em várias formas de música improvisada. Entre 1976 e 1982, estudou contraponto, composição e música electrónica na Academia Real de Música de Estocolmo, com professores como Gunnar Bucht, Lars-Erik Rosell, Arne Mellnäs e Pär Lindgren. Brian Ferneyhough, que era um regular leitor convidado daquela escola, foi também uma importante fonte de inspiração. Além de professor, Hillborg é compositor *freelancer* desde 1982. O seu catálogo de obras é extenso, desde a música orquestral, coral e de câmara à composição para cinema e música pop.

Em anos recentes, destaca-se o foco dado à sua obra pelo programa *Total Immersion* da BBC; a residência na Sinfónica de Stavanger (2021); estreias mundiais no Festival de Lucerna (com a Filarmónica de Viena e Esa-Pekka Salonen) e em Paris (Ensemble intercontemporain e Matthias Pintscher). Ao longo dos anos, é tocado por orquestras como as Filarmónicas de Los Angeles, Berlim ou Nova Iorque, as Sinfónicas de Chicago e de São Francisco, a Orquestra da Tonhalle de Zurique, a Orquestra da Rádio Bávara, a Filarmónica Real de Estocolmo, a Sinfónica da BBC, a Orquestra da Rádio Sueca, a Sinfónica de Gotemburgo, a Filarmónica de Oslo, a Philharmonie de Bergen e a Filarmónica de Helsínquia.

Tem recebido encomendas de importantes orquestras no Norte da Europa e dos Estados Unidos da América. Trabalhou com músicos prestigiados como o maestro Esa-Pekka Salonen, o clarinetista Martin Fröst, a meio-soprano Anne Sofie von Otter, a soprano Renée Fleming e o maestro coral Eric Ericson.

Vaporised Tivoli

Em alguns países da Europa, a palavra “tivoli” tem o significado de parque de diversões ou feira de diversões. Uma ideia principal da primeira parte de *Vaporised Tivoli* é a imagem de crianças a correr à volta de uma feira popular com a incrível velocidade e energia (para os adultos) que só as crianças conseguem ter, experimentando todas as maravilhosas atrações — aqui está uma montanha russa, vamos lá!, agora um carrossel, uau, e olha aqui, um monte de sucata em que podemos bater... Depois de cerca de seis minutos, esta extática corrente de alegria altera-se repentinamente — é como se uma tomada tivesse sido desligada, e toda a velocidade e energia extravasasse para uma exuberante paisagem sonora, estranhamente bonita e muito mais ambígua.

Neste ponto, surgiu-me uma associação mais sinistra com a palavra “tivoli” — quando era adolescente li o livro *Something Wicked This Way Comes* de Ray Bradbury, uma história que combina elementos de fantasia e horror, acerca de um aterrador parque de diversões ambulante que chega à vila e ataca as pessoas que lá encontra.

No final a música evapora-se, literalmente, enquanto acompanha uma misteriosa e sentimental linha melódica tocada por um contrabaixo.

ANDERS HILLBORG

Tradução: Isabel Correia de Castro

Erkki-Sven Tüür

KÄRDLA (ESTÓNIA), 16 DE OUTUBRO DE 1959

Erkki-Sven Tüür tocou percussão e flauta e, mais tarde, já no Conservatório de Tallinn, estudou composição com Jaan Rääts (1980-1984). Teve ainda aulas privadas com Lepo Sumera e desenvolveu a sua aptidão para a música electrónica em Karlsruhe. Em 1979, fundou o grupo de rock progressivo In Spe onde foi, até 1983, compositor, flautista, teclista e vocalista. É compositor *freelancer* desde 1992 e as suas obras são encomendadas por músicos e orquestras de renome internacional. A sua música é tocada regularmente pelas melhores orquestras sinfónicas e por solistas de excelência, nas mais prestigiadas salas de concertos.

A música de Tüür faz-se da síntese de intuição e razão com um sistema completamente orgânico, num trabalho que é sobretudo instrumental. É autor de sinfonias, concertos para instrumentos solistas, várias peças de música de câmara e uma ópera. Fez residências nos festivais de Auftakt, Davos (Suíça) e Outono da Morávia (Brno), entre outros.

Entre 1991 e 2011, Erkki-Sven Tüür foi um dos directores artísticos do International New Music Festival NYYD. A Academia de Música da Estónia distinguiu-o com um doutoramento honorário e, ao longo dos anos, tem sido premiado por várias entidades do seu país natal.

A obra de Erkki-Sven Tüür está gravada para a ECM, a Ondine, a Warner e a EMI Virgin. Os discos *Magma* (Virgin Classics) e *Seventh Symphony & Piano Concerto* (ECM) foram nomeados para o Prémio Gramophone. A obra *Mythos* (Alpha Classics) recebeu o Diapason d'Or 2020, em França.

Mare Lacrimarum, para big band e ensemble

A 18 de Maio de 2019, Olari Elts dirigiu a minha 5.^a Sinfonia na Casa da Música no Porto. Depois do concerto, o director artístico da Casa, António Jorge Pacheco, pediu fervorosamente uma nova composição que — à semelhança da Sinfonia — incluísse uma big band mas, em vez de uma orquestra, incluísse um ensemble mais alargado de música contemporânea. A ideia não me despertou interesse de imediato; expliquei que já tinha desenvolvido este tópico e que era suficiente. Mas ele foi persistente...

A dada altura surgiu-me a ideia de que, com esta composição, poderia prestar homenagem às pessoas mais importantes que me inspiraram no passado. Quando descobri bandas de rock progressivo como King Crimson e Emerson, Lake & Palmer, aos 14 ou 15 anos, toda a minha esfera de interesses se alterou e assim começou uma viagem cada vez mais intensa pelo universo da música. O final da década de 1960 e o início dos anos 70 foram a época de ouro do rock progressivo britânico. E, de muitas formas, esta composição reflecte a estética e as atitudes de então. Comecei a escrevê-la em Fevereiro de 2020 mas, a 24 de Fevereiro deste ano, tudo mudou. O ataque da Rússia à Ucrânia perturbou-me tanto que não consegui avançar ao longo de várias semanas. Só depois de ter escrito, em apenas um dia, uma canção ucraniana a *cappella* para coro — *For Ukraine* — é que me senti pronto para regressar a esta partitura. Ainda assim, o contexto alterou-se totalmente e agora reflecte directamente as minhas ligações emocionais à guerra na Ucrânia. Nesse sentido, este ciclo com seis partes é muito diferente da maior parte das composições que escrevi, porque é claramente programático. Também remete para obras extensas

— sobretudo poemas sonoros programáticos — de bandas de rock progressivo. Aliás, a sua música revela condenação por qualquer agressão militar (o recurso a motivos de marcha nos vários álbuns tanto de KC como de ELP dava a impressão de uma força diabólica obscura), que foi direccionada essencialmente à guerra no Vietname.

No primeiro andamento, “Clouds of Anger”, sentimos a acumulação de uma fúria sombria que está prestes a explodir. No segundo, “Cities to be destroyed”, a música sugere motivos de “Pictures of a City”, do segundo álbum de King Crimson. O que se passa aqui é o intenso alvoroço da vida, alheio ao perigo iminente — mas algures a decisão já foi tomada e as cidades estão condenadas... O terceiro andamento, “Threnody I”, é fundamentalmente a primeira fase do luto misturado com desespero e raiva, quando alguém se defronta com as consequências de crimes de guerra. Segue-se “Lethal Mechanics”, que representa a máquina de guerra, desumana e sem alma, de todos os ângulos possíveis. Aqui também descobrimos pistas da música de ELP. O quinto andamento, “Threnody II”, é o segundo luto; um lamento que leva à sensação de que não existe mais ar para respirar. Assim se evolui para o sexto andamento, “The Evil’s End”, que consiste numa marcha crescente do estúpido e mesquinho mal que, por fim, se afunda sob o seu próprio peso.

Mare Lacrimarum (Um Mar de Lágrimas) é dedicado às vítimas dos crimes de guerra russos na Ucrânia.

ERKKI-SVEN TÛÜR

Tradução: Isabel Correia de Castro

Olari Elts direcção musical

A paixão de Olari Elts (Tallinn, 1971) por programas diferentes e inovadores trouxe-lhe a aclamação internacional. Deu início ao seu mandato enquanto director musical e maestro titular da Orquestra Sinfónica Nacional da Estónia em 2020. Desde 2018, é também consultor artístico da Sinfonietta Kymi.

Olari Elts tem dirigido as grandes orquestras da Europa, do Japão, da Coreia e da Austrália. Na temporada de 2022/23, viaja com a Orquestra Sinfónica Nacional da Estónia para a Alemanha e França, numa tournée que inclui cidades como Munique e Paris, com o violinista Daniel Lozakovich. Vai também dirigir orquestras como a Sinfónica Islandesa, a Sinfónica Nacional da Letónia, as Sinfónicas de Hamburgo e Dusseldorf, a Sinfonietta de Tapiola e a Filarmónica George Enescu, e volta à Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música para a estreia de uma nova obra de Erkki-Sven Tüür. Esta temporada marca ainda o seu regresso à Ásia, para o seu primeiro trabalho com a Orquestra Sinfónica Nacional de Taiwan. Na Noruega, grava um novo álbum com a Filarmónica de Oslo, com música do premiado compositor Øyvind Torvund. Termina a época com uma grande tournée no Reino Unido com a Sinfónica Nacional da Estónia, mantendo a sua colaboração próxima com a Sinfonietta Kymi.

Maestro com fortes ligações aos compositores contemporâneos do Báltico, como Erkki-Sven Tüür e Heino Eller, Elts gravou os poemas sinfónicos e o Concerto para violino de Eller com Baiba Skride e a Orquestra Sinfónica Nacional da Estónia. Igualmente elogiados pela crítica foram os seus registos discográficos com o selo da Ondine, com obras de Erkki-Sven Tüür interpretadas pela Sinfonietta de Tapiola, incluindo o concerto para viola de Lawrence

Power, a Sinfonia n.º 5 de Tüür para guitarra eléctrica, orquestra e big band e o concerto para acordeão *Prophecy*, com a Filarmónica de Helsínquia. O seu disco de 2016 com arranjos de Brahms (Glanert, Berio), ao lado da Filarmónica de Helsínquia, foi também muito bem recebido. A discografia de Elts inclui os Concertos para violino de Borgström e Chostakovitch com Eldbjørg Hemsing e a Sinfónica de Viena, para a BIS, e a Sinfonia n.º 5 de Poul Ruders com a Orquestra Sinfónica Nacional Dinamarquesa, para a Bridge Records. Lançou recentemente um álbum com música de Kalevi Aho, gravado com a Orquestra Sinfónica da Antuérpia.

Elts deixa também a sua marca no campo da ópera, tendo dirigido obras como *Eugene Onegin*, *Don Giovanni* e *Idomeneo* de Mozart, e *La Damnation de Faust* de Berlioz. Trabalhou na produção de concerto encenado que combinou Mendelssohn com *Sonho de uma Noite de Verão* de Shakespeare, ao lado da companhia de teatro de Tallinn NO99, na Konzerthaus de Berlim. Em celebração do centésimo aniversário de Bernstein, dirigiu cine-concertos com o filme *On the Waterfront* de Elia Kazan, à frente da Filarmónica do Luxemburgo e da Sinfónica do Porto Casa da Música.

Olari Elts foi maestro convidado principal da Orquestra Sinfónica Nacional da Estónia (2007-2020) e da Filarmónica de Helsínquia (2011-2014). Foi consultor artístico da Orquestra da Bretanha (2006-2011), maestro convidado principal da Orquestra de Câmara Escocesa (2007-2010) e maestro convidado principal da Orquestra Sinfónica da Letónia (2001-2006). Fundou o seu ensemble de música contemporânea, NYVD Ensemble.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble apresentou, em estreia absoluta, mais de 90 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o primeiro maestro titular do Remix Ensemble.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se nas mais prestigiadas salas e festivais europeus como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência, Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi a primeira orquestra portuguesa a apresentar-se na Elbphilharmonie de Hamburgo, a 22 de Setembro de 2020.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei e Daniel Moreira, além de obras de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e

Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken e inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

A temporada de 2022 inicia-se com um programa partilhado com o Ensemble intercontemporain, que inclui a estreia mundial de uma encomenda a Hèctor Parra e é apresentado em concertos no Porto e na Philharmonie de Paris. Outras estreias a assinalar são as de obras encomendadas a Rebecca Saunders, Justé Janulyté e Erkki-Sven Tüür, incluindo concertos partilhados com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e a Orquestra Jazz de Matosinhos.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Jazz de Matosinhos

Pedro Guedes director artístico

A Orquestra Jazz de Matosinhos tem por objectivo promover a criação, a investigação, a divulgação e a formação na área do jazz. Criada em 1997, conta com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos desde 1999. Cruza ambição internacional com responsabilidade local e investe de forma continuada no desenvolvimento de projectos artísticos diversificados, projectos formativos coerentes e na edição discográfica de jazz português. Pioneira num território largamente inexplorado, a OJM cumpre o papel de Orquestra Nacional de Jazz. No ano em que celebrou 20 anos, recebeu a Medalha de Mérito Cultural do Primeiro-Ministro e do Ministro da Cultura.

Apresenta repertórios de todas as variantes estéticas e épocas do jazz. Tem direcção artística de Pedro Guedes e foi co-dirigida por Carlos Azevedo. Colaborou com Maria Schneider, Carla Bley, Lee Konitz, John Hollenbeck, Jim McNeely, Kurt Rosenwinkel, João Paulo Esteves da Silva, Carlos Bica, Ingrid Jensen, Bob Berg, Conrad Herwig, Mark Turner, Rich Perry, Steve Swallow, Gary Valente, Dieter Glawischnig, Stephan Ashbury, Chris Cheek, Ohad Talmor, Joshua Redman, Andy Sheppard, Dee Dee Bridgewater, Fred Hersch, Rebecca Martin, Peter Evans, Fay Claassen, Kiko Freitas, Maria Rita, Maria João, Mayra Andrade, Manuela Azevedo, Sérgio Godinho, Manel Cruz, Mário Laginha e Rui Reininho, e com formações como a Sinfónica do Porto Casa da Música, o Remix Ensemble, o Drumming e o Quarteto de Cordas de Matosinhos.

Em 2014 iniciou o ciclo Novos Talentos do Jazz, em que convida jovens músicos ibéricos a tocarem como solistas à frente da big band.

A OJM actua regularmente nas principais salas do país e tem feito digressões a várias cidades da Europa e dos Estados Unidos da América, incluindo Barcelona, Belgrado, Bruxelas, Marselha, Viena, Milão, Boston e Nova Iorque. Nesta cidade, realizou temporadas nos clubes Birdland, Jazz Standard, Jazz Gallery e Iridium, fez uma residência no Blue Note e foi a primeira formação portuguesa de jazz a participar num festival norte-americano — JVC Jazz Festival, Carnegie Hall, em 2007.

2018 marcou o início de um importante projecto de itinerância nacional, em que leva às salas de todo o país o repertório tradicional para big band, música de compositores portugueses e os novos talentos do jazz.

A discografia da OJM é o reflexo de algumas das suas colaborações mais sólidas. Uma das edições mais recentes foi *Unsolvable Problems* (Improbable Records, 2019), com a música de Carlos Guedes. Em 2020, a OJM resgata a sua voz editorial com o CARA e edita *Jazz in the Space Age* — uma revisitação ao histórico álbum de George Russell, gravada ao vivo na Casa da Música com João Paulo Esteves da Silva e José Diogo Martins. Com o mesmo carimbo reeditou *Bela Senão Sem* (2021), com três temas novos a solo de João Paulo Esteves da Silva, e lançou *After Midnight* (2022) com a cantora e compositora Rebecca Martin e o contrabaixista Larry Grenadier. Neste mesmo ano é lançado um site que arquia e disponibiliza para audição o catálogo discográfico completo da editora TOAP (extinta em 2014).

Desde 2018, a orquestra tem a sua casa na Real Vinícola em Matosinhos. É lá que está instalado o Centro de Alto Rendimento Artístico (CARA), que é não só a editora, mas também um espaço onde se promove o diálogo entre arte, ciência e tecnologia, acolhendo ainda as actividades do Programa Educativo da OJM.

Remix Ensemble Casa da Música

Violino

Angel Gimeno
Ashot Sarkissjan

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Filipe Quaresma
Tiago Silva

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

Tiago Coimbra

Clarinete

Víctor J. Pereira
Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz
Nuno Miranda

Trompete

Aleš Klančar
Telmo Barbosa

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano/Sampler

Jonathan Ayerst
Bernardo Pinhal
Otávio Lamounier

Harpa

Carla Bos

Orquestra Jazz de Matosinhos

Saxofone

João Guimarães
João Pedro Brandão
Mário Santos
José Pedro Coelho
Rui Teixeira

Trompete

Luís Macedo
Ricardo Formoso
Rogerio Ribeiro
Javier Pereiro

Trombone

Daniel Dias
Gil Silva
Andreia Santos
Gonçalo Dias

Baixo eléctrico

José Carlos Barbosa

Bateria

João Cunha

25 terça · 21:00 sala suggestiva

KIT ARMSTRONG

obras de CAMILLE SAINT-SAËNS, WOLFGANG AMADEUS MOZART, LUDWIG VAN BEETHOVEN, JOHANN SEBASTIAN BACH, FRANZ LISZT e WILLIAM BYRD

29 sábado · 18:00 sala suggestiva

HISTÓRIAS DE AMOR

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

CORO CASA DA MÚSICA

STEFAN BLUNIER direcção musical

SARAH WEGENER soprano

CATRIONA MORISON meio-soprano

NIKOLAI SCHUKOFF tenor

obras de RICHARD WAGNER, RICHARD STRAUSS e GUSTAV MAHLER

04 sexta · 21:30 sala suggestiva

BACH MONUMENTAL

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

STEFAN BLUNIER direcção musical

JOHANN SEBASTIAN BACH/EDWARD ELGAR *Fantasia & Fuga, BWV 537*

GUSTAV MAHLER *Suite das suites de Bach, n.os 2 e 3*

JOHANN SEBASTIAN BACH/ANTON WEBERN RICERCAR *"Musikalisches Opfer", BWV 1079*

JOHANN SEBASTIAN BACH/LEOPOLD STOKOWSKY *Fuga "Pequena", BWV 578;*

Tocata, BWV 565

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

